

Fátima Soares - Organizadora

VELHAS SÁBIAS

Tributo às que vieram antes de nós

Volume III



Instituto Pan Americano de Educação, Ciências e Cultura



Instituto Pan Americano de Educação, Ciências e Cultura

Av. Guararapes, 120, 4º andar - Santo Antônio - Recife - PE
Fone: 81 99590 7790

Direção Editorial: Carlos Lopes

Diretora Executiva: Juliana Karla Pajeú

Conselho Editorial: Prof^ª. Adriana Oliveira
Prof^ª. Alba Nídia Ortiz Monges
Prof^ª. Fátima Soares
Prof^ª. Karla Luzia Alvares dos Prazeres
Prof^ª. Maria Creuza de Araújo Borges
Prof^ª. Sofia Leal Batista

Revisão: Das Autoras

Projeto Gráfico: Carlos Lopes

Ilustração da Capa: Camila Oliveira

Printed in Brazil - Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais é proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer forma ou meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de fotocópias e gravação, sem permissão por escrito das autoras.

ADRIANA OLIVEIRA

Adriana Oliveira, feminista e militante da classe trabalhadora, especialista em Educação Infantil e professora do Educação Infantil na Rede Municipal de Juazeiro do Norte-CE.



DEDICAÇÃO

Estamos aqui para compartilhar nossa alegria de vivenciar o processo histórico em nosso país, sobretudo a história das mulheres.

Nunca se teve tanta presença feminina de diferentes etnias e regiões do Brasil como Ministras de Estado e assumindo outros cargos de responsabilidade com o desenvolvimento econômico e social do nosso país, com o poder de fazer política para enfrentar as injustiças, melhorando as condições de vida do povo brasileiro e as relações do Brasil com o mundo. É tão gratificante saber que sobrevivemos e estamos mais fortes depois de seis anos de retrocesso, onde a vida das mulheres foi rebaixada a nada e muitas morreram só por serem mulheres.

Partindo dessa premissa, dedicamos nossa obra a essas mulheres que nos enchem de esperança em dias melhores para nosso povo. Ana Moser Ministra dos Esportes, Anielle Franco Ministra da Igualdade Racial, Cida Gonçalves Ministra das Mulheres, Daniela Carneiro Ministra do Turismo, Esther

Dweck Ministra da Gestão e Educação, Luciana Santos Ministra da Ciência, Margareth Menezes Ministra da Cultura, Marina Silva Ministra do Meio Ambiente, Nísia Trindade Ministra da Saúde, Simone Tebet Ministra do Planejamento, Sonia Guajajara Ministra dos Povos Indígenas, Tarciana Medeiros Presidenta do Banco do Brasil, Maria Rita Serrano Presidenta da Caixa Econômica e Dilma Rousseff Presidenta do Banco dos BRICS.

Dedicamos ainda a todas as mulheres brasileiras que, na base dos movimentos sociais e organizações partidárias contribuem para essas conquistas.

ROSE MARY CRISTINA PINTO

Mulher negra tecnóloga em Segurança do Trabalho, residente no Morro da Conceição-Recife onde participo do grupo Fome Zero, e dos blocos Carnavalescos “ Osso Duro de Roer” e “bloco Lírico Utopia e Paixão”,
@pintorosemarycristina



AGRADECIMENTOS

Primeiramente queremos agradecer as nossas ancestrais, pois sem suas histórias, suas vivências não conseguiríamos que o volume III da Coletânea Velhas Sábias ficasse pronto para você, que não abre mão do prazer insubstituível da boa leitura.

Neste volume não estou como autora de um conto biográfico, integro a equipe de colaboradoras. Agradeço a oportunidade de acompanhar o grupo nas conversas e reflexões que a produção coletiva exige. Estou satisfeita com o convite para registrar por escrito o sentimento de gratidão das participantes desta obra, pelo muito que aprendemos neste processo.

Para concretizar nosso desejo-livro contamos com as parcerias da Editora Ipanec, do projeto social Livro Aberto Sebo Itinerante e da coletiva Mulherio das Letras Recife e Periferias.

Camila Oliveira mais uma vez com a arte da capa. Com sensibilidade e paciência unidas ao empenho das nossas

escritoras que contribuíram com sugestões e imagens para ilustração.

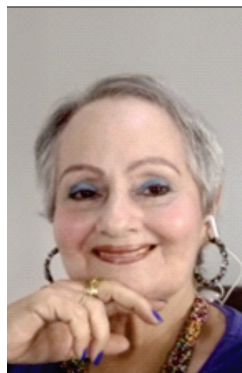
O nosso agradecimento especial a nossa organizadora: Fátima Soares. Sua atenção a cada uma de nós, ao nosso sonho junto com ela, para que tudo pudesse ser feito.

Sem esquecer nossas queridas Dilma Barrozo, prefaciadora nesse volume, e Sofia Leal, sempre atenta para garantir que o grupo se mantenha informado.

Por fim agradeço a todas as escritoras que dedicaram seu precioso tempo e conhecimentos para a construção da coletânea Velhas Sábias: Tributo às que vieram antes de nós – volume III.

DILMA BARROZO

Sou carioca de Campo Grande, subúrbio do Rio de Janeiro. Adoro a vida, sou feminina e feminista; luto por amor, respeito e igualdade de direitos. Tenho duas grandes paixões: ler e ensinar. Escrever é um ato revolucionário surgido na terceira idade, é o meio através do qual entro em sintonia com meu mundo e o revelo a você. De minha mãe carrego a fé, de meu pai a resiliência. Sou a vovó coruja da Letícia, da Larissa e da Clara e mãe da Daniele e da Paula, e, assim, me defino como uma casa de cinco estrelas.



PREFÁCIO

ELA, A SÁBIA

uma mulher
lança sementes...
está tecendo a vida
os fios são invisíveis
mas todas as mulheres sabem como encontrá-los

algumas vezes ela caminha
em outras ela voa
se arrasta pela terra
ou mergulha nas águas
e vai ao fundo
ela une com sua força e sua ternura
os fios que regem o mundo

misturados aos fios enrola seus sentimentos
e saberes que pouco a pouco serão recolhidos
para novas tessituras

ela é mãe vó bisavó madrinha sogra irmã cunhada
tia vizinha amiga prima

ela é a sábia, ela é a ancestral

ela é a mulher que estende sempre
o colo o coração e a mão que conduz
ela é a mulher que de onde quer que esteja
nos alimenta e estimula
com seu exemplo e sua luz.

A palavra e a ação unem as mulheres e é por meio delas que expõem suas vivências, alcançam alguns dos silêncios guardados em gavetas, caixas, malas, almas, peles e corações. Sim, porque o que temos neste TRIBUTO ÀS QUE VIERAM ANTES DE NÓS não é ficção, mas uma sucessão de narrativas reais até então dispersas no tempo e restritas à intimidade de familiares, amizades, vizinhança. É a vida que se mostra em toda a sua plenitude e verdade, sem véus, sem melindres, sem distorção. Tudo nestas mulheres nos faz vibrar de emoção! Abarcar a inteireza dessas escritas é uma tarefa prazerosa e tão potente que levará a leitora e o leitor a se conectarem com a grandeza do protagonismo de suas próprias ancestrais.

Mulheres! São sempre elas que acolhem as outras, direcionam, estimulam, amparam, protegem; são elas que se apoiam na fraternidade e na dor: sororidade e dororidade!

Nestes relatos são as fêmeas que, com seu olhar cálido se lançam em busca de suas origens, em busca daquelas que as fizeram ter orgulho de ser família, de ser comunidade, as ensinaram a ler, cozinhar, plantar, a benzer, curar, lavar, a bordar e sobretudo a amar e lutar. Este livro é um foco amoroso sobre as antepassadas que, com seu exemplo, as incentivaram a caminhar de mãos dadas, entendendo que, na realidade, sempre ao lado de uma grande mulher há outra grande mulher e também a sua frente, atrás, acima, abaixo.

Nossa obra VELHAS SÁBIAS III é resgate de um legado ignorado, é busca e encontro de sensibilidades, femenagem e oferta trazendo a este nosso tempo heroínas anônimas que, em sua época, foram grandes pilares da construção social, argamassa e raízes, sempre encobertas, mas sempre sólidas. São as suas descendentes, guardiãs do passado e renovadoras do presente, que colocam em foco toda esta herança, cientes de que, enquanto delas se lembrarem, elas aqui estarão e, assim, se perpetuarão para as outras que virão.

Nós, mulheres, entendemos que é hora de expor com emoção e competência o que nos fizeram crer que era apenas uma parte de pouca importância do que vivemos. É tempo de valorizar a nossa história e mostrar ao mundo o que e quem somos e como aqui chegamos, guiadas pelas mãos das mulheres que nos antecederam, estas raízes a quem reverenciamos. Nossas matrizes, nossos pilares, nossas velhas sábias.

As escritoras desta composição são mulheres comuns, gente do povo, de várias partes do nosso grande Brasil, algumas vivendo hoje em outros países, revelando realidades diversas de suas ancestrais, mas todas convergindo para

o objetivo de restabelecer o peso da ação e do pensamento feminino, sistematicamente apagados ou menosprezados pela ação dos historiadores. É inegável que tal fato se repete em todas as regiões deste país, em todos os contextos sociais, políticos, culturais e econômicos, nos quais muitas vezes, até mesmo o reconhecimento da importância humana da mulher na formação de pensamento e estrutura familiar e comunitária lhe é negado.

Emerge daí a relevância destes textos que, em seu ineditismo, retomam rotas e atalhos, fotos, ações e relatos obtidos através de estudos, pesquisas e conversas coloquiais. Estas informações nunca registradas se impõem ante o patriarcado e nos mostram a verdadeira identidade desta nação, construída com mãos de mulheres brasileiras, com muito do seu suor e lágrimas.

Ao conhecermos um pouco da trajetória de cada uma dessas heroínas, contribuímos para a elaboração de memórias rechaçadas pelas narrativas históricas que, sendo contadas do ponto de vista do colonizador, não deram a nossas ancestrais o devido mérito.

A leitora e o leitor perceberão, desde as primeiras páginas, que este livro é um bem querer que, se em alguns momentos nos traz memórias pungentes, de pioneirismo, autoconhecimento, doçura, afeto e gratidão, em outros nos traz relatos de muito enfrentamento, doenças físicas e mentais, sobrecarga de trabalho, fome, fuga e sofrimento, incluindo-se aí o abuso de álcool, o desemprego, a violência de maridos e companheiros.

Nossas coletâneas Velhas Sábias I e II são fios cuja tessitura vem se entrelaçando e, fortalecidos, trazem à tona esta nova

leva de relatos. Esta obra Velhas Sábias III envolve, além de algumas escritoras presentes nos volumes anteriores, mais mulheres, atraídas pelo desejo de também deixar registrados fatos fundamentais da biografia de suas ancestrais. Somos fisicamente distantes, mas emocionalmente ligadas pelos indissolúveis laços do afeto, para reverberar nossas vivências e fazer este tributo tão urgente e necessário.

Nós, as autoras, somos as sementes que vingaram, deram e darão vida a novas sementes, para as quais em algum momento, quem sabe, sejamos nós as sábias e tenhamos, também, histórias tão merecedoras de serem contadas...

Que façamos direitinho a lição que nos foi legada por estas sábias ancestrais! Que seja esta a nossa missão! Que o nosso brado seja ouvido para fazermos jus a toda a potência de nossas raízes!

Velhas Sábias: Presentes!

SUMÁRIO

ANA CRISTINA H. SILVA	
ELVIRA, MÃE-MENINA	17
ANA SILVIA PUPPIM	
UMA HISTÓRIA DE AMOR	22
CACAU NASCIMENTO	
SIMPLESMENTE JACY	31
CÁSSIA MILANI	
IRACEMA, MINHA INSPIRAÇÃO	37
CLAUDIA F. SILVA	
MINHAS MARIAS	45
CLAUDIA M. RIBEIRO	
AMOR DE MÃE VEM DO CORAÇÃO	52
EDNA LIMA	
LAÇOS AFETIVOS.....	62

ÉRICA MONTENEGRO DE MÉLO
CONTADAS, ESCRITAS, BORDADAS: MEU TECIDO, MINHA HISTÓRIA 72

ERVELI GOBBO
ESTRELA MÃE..... 76

FÁTIMA SOARES
NINA..... 84

JARICE CASTRO SOARES
EIS AÍ A MINHA TRAJETÓRIA..... 92

JOANA D'ARC LAGE
UMA VELHA SÁBIA FORJADA NO CAOS..... 98

JULIANE PEREIRA
MARIA DO UBU, A ENFERMEIRA DA NATUREZA 106

KATIA FABIANA DA SILVA
VOCÊS VÃO SER AUXILIARES DE ESCRITÓRIO!..... 110

LEILA SANTOS
INVISÍVEL, MAS SEMPRE REAL..... 116

LUÍZA CAVALCANTE
MARIA JOSÉ: LUTA E ALEGRIA, RITMO E HARMONIA..... 123

MAGDA SANTIAGO
MINHA IRMÃ MÃE..... 130

MARCELLA PAPPACENA	
MÃES GUERREIRAS.....	136
MARI CECILIA SILVESTRE	
UM TOQUE DE MIDAS	144
MARIA ANDRADE	
HISTÓRIA QUE O TEMPO NÃO APAGA	152
MARIA LUIZA SABOIA CAMPOS	
O BAMBU ENVERGA MAS NÃO QUEBRA	158
MERIDALVA GONÇALVES	
O AMOR DE IAIÁ	166
ORLINDA MOREIRA	
CAUSOS DE COMADRE.....	174
PATRÍCIA SILVA	
NIDINHA, A FEMINISTA ALTO ASTRAL.....	179
ROSANA DE ANDRADE	
CORAGEM, FÉ E ESPERANÇA DO VERBO ESPERANÇAR!.....	185
ROSÂNGELA OLIVEIRA	
A DESPEDIDA	191
ROZANA NASCIMENTO	
ÁLBUM DE MEMÓRIAS: AS VIZINHAS	198

SHEILA MARTINS	
ESCREVIVENDO OLHARES	208
 SOFIA LEAL BATISTA	
SEMENTE MUDA E TEMPERA	212
 STEPHANE ALBUQUERQUE	
OÓ: AMOR EM QUATRO GERAÇÕES	222

ANA CRISTINA H. SILVA
Ana Cristina Henrique Silva é natural de Salvador/Ba. Apaixonada pela arte da palavra e da atuação é graduada em Letras Vernáculas e Artes Cênicas. Participa de diversas coletâneas. Entre contos e poemas a escrita se impõe.
Instagram: @anac.henriques
WhatsApp: (71) 9962-5731



ELVIRA, MÃE-MENINA

Esta história vem de um tempo distante, trazida pelas mãos do vento em suas andanças por caminhos de barro, pedra e pó.

O ano é 1911, ano da chegada de Elvira a este mundo.

Menina alegre, falante, cheia de vida e sonhos, nascida num bairro pobre da cidade de Salvador. A primogênita, cercada do afeto e carinho dos pais, logo soube que dividir era a conta a ser aprendida – seu irmão chegou um ano depois. Aristóteles e Elvira cresceram numa família simples, mas sem grandes dificuldades. Com seu irmão dividiu as brincadeiras, atenção dos pais, alimentação, roupas e amizades. A casa pequena, mas de quintal grande. Era neste espaço que Elvira subia nas árvores, pulava corda, inventava histórias. Mãe e pai atentos e dispostos a realizarem os sonhos dos dois filhos. Os sonhos de Elvira eram pintados por diferentes cores, um mosaico de quereres, ela era a meninas das ideias incríveis.

Assim ela cresceu, com pés descalços e sonhos de liberdade, cresceu sentindo a amorosidade materna. Quem sabe os olhos da mãe não enxerguem na filha certa continuidade?

Gostaria de dizer que a vida de Elvira foi toda amor. Gostaria de tecer a linha da memória somente com as cores vivas da alegria, mas... Ah, o mas que se impõe nos caminhos da vida!

As brincadeiras da infância cederam lugar para o amadurecer. Essa adultez que se instala de maneira sorrateira, às vezes ligeira. Elvira cresceu rápido, muito rápido.

Aos quatorze anos conheceu o homem que faria seu coração acelerar. Higino foi seu amor primeiro, sua devoção e loucura. Por amor, Elvira casou já trazendo no ventre o fruto do querer bem, um filho marcando a união do casal. Casada perdeu a regalia da sua família. Seu pai era contrário àquela união movido, talvez, por uma intuição que ele não sabia explicar, mas que sentia e por isso mesmo não enxergava em Higino um bom companheiro para sua filha. Contudo, as convenções sociais calaram sua intuição. Elvira foi levada ao altar ainda menina, entregue pelas mãos do pai a um homem mais velho.

Na nova casa, assumiu novos papéis: mulher, mãe, cozinheira, lavadeira... Aprendeu fazendo.

O estudo foi interrompido, os livros esquecidos num canto qualquer. As bonecas deixadas na casa dos pais foram doadas para outras crianças. “Bonecas pra quê?” Os filhos chegavam e iam se amontoando na pequena casa.

As crias requisitavam a atenção de Elvira. E o amor juvenil foi perdendo espaço para as responsabilidades do dia a dia. Higino entrava e saía de casa qual visitante, seu trabalho na polícia era importância maior. “Elvira cuida!” Afinal, o

patriarcado dita regras e normas de subserviência e domínio da mulher. A casa, os filhos, criação e educação pertenciam única e exclusivamente à mãe. Os sonhos de Elvira guardados no baú do não mais possível.

E num dia qualquer, um dia em que a manhã parece a mesma, sem razões ou explicações Higino chegou trazendo a notícia de que iria partir.

“Como assim?! Pra onde? Por quê?”

“O trabalho me chama. Fui escalado para trabalhar em Ilhéus.” Resposta breve, dita por dizer, sem maiores detalhes.

E lá se foram os últimos sonhos de Elvira de uma família feliz. Higino partiu deixando Elvira com oito filhos para criar: três meninos, o mais velho com quinze anos, e cinco meninas - a caçula ainda bebê.

No início o dinheiro vinha pelo correio. Cada mês um pouco menos, até que não mais. Não mais dinheiro, não mais perguntas sobre os filhos. Nada.

A partida do marido aos poucos trazendo outras realidades: Oito crianças para alimentar; falatórios da vizinhança; desgosto do pai - sua intuição finalmente confirmada. Voltar para casa paterna era pensamento que se esbarrava no orgulho de Elvira.

Ela arregaçou as mangas, foi lavar roupas para outras famílias, faxinar, vender frutas e verduras na feira, foi à luta para segurança e alimentação dos seus meninos.

Mãe dedicada, Elvira se doava em afetos na esperança de suprir a falta do progenitor. Brincadeiras, música de ninar, histórias contadas e inventadas com o mesmo entusiasmo quando ainda menina corria pelo quintal ao lado do irmão Aristóteles.

Aos poucos, Elvira foi ganhando fama de contadora de histórias. As crianças da vizinhança se aproximavam à noite

da moradia simples para ouvir o que ela tinha a contar. No batente da porta, com o lampião aceso, a menina-mãe trazia ao imaginário infantil histórias criadas com final feliz e sonhos de possibilidades. Rodeada pelos seus e outros tantos pequenos, ela reinava absoluta ampliando gestos, fazendo caretas, arregalando os olhos, dando vida e cor com seus movimentos. Sua plateia em êxtase assistia tudo maravilhada.

A fama de contadora durou por um tempo. Tempo suficiente para a caçula de Elvira completar sete anos. Sete também foi o tempo da partida de Higino. Sete longos anos que ele atravessou o portão, deu adeus aos filhos, um beijo rápido na mulher, acenou e partiu.

Há quem diga que o número sete traz consigo forças ocultas, representações sagradas, fechamento de ciclos. Quem há de certificar? O certo é que os sete anos passados, trouxeram à tona o que a princípio parecia curado ou sublimado. A dor pulsava latente no seio de Elvira, mascarada nas histórias inventadas. Ela emergiu sorrateira. Silenciosa, certa, intensa. A dor de Elvira chegou de fininho no consolo da bebida, no silêncio sem sorriso, no choro sufocado. Uma tristeza que não lhe punha mais em pé, que lhe roubava as forças e a vontade de viver. A contadora de histórias tão falante e viva não existia mais.

Aos 40 anos de idade, Elvira se despediu deste mundo. Morreu sem rever seu único e primeiro amor, morreu com sonhos não vividos, com palavras não ditas, com o olhar no horizonte.

Os filhos de Elvira assim nos contam sua história, cada um com seus recortes. Diferentes idades fazem-nos ver por diferentes ângulos.

Da plateia viva de Elvira é comum a lembrança da contadora que trouxe cores e esperança àquela gente. Muitos não lembram como se deu sua morte, a imagem que eles carregam é o sentimento que ela imprimiu: alegria, amorosidade e sonhos de liberdade.

No mosaico que compõe a história de Elvira não há grandes feitos, talvez faltem partes, talvez haja linhas não atadas, talvez alguns pontos não tenham sido costurados. Afinal, a narradora que conta esta história não tem os mesmos atributos de Elvira, junte-se a isso a distância do espaço-tempo do fato contado.

Todavia, um ponto há de ser dado para finalizar essa costura, Elvira inspirou crianças, suas e de outros, com ternura, afeto e arte. Ela tocou pessoas com sua sensibilidade, com sua criatividade. Fez os pequenos viajarem com ela para um mundo de esperanças onde a dor e o desamor não encontram passagem.

O tempo tece. Ele teceu continuidades. Sementes plantadas por Elvira germinaram em sua caçula de nome doce. Dulce, hoje uma velha Sábia, herdou da sua mãe a sensibilidade de narrar poemas. Tal qual sua mãe, ela planta sementes-palavras em pequenos livros-jardins, em saraus e em cantos possíveis.

A vida encanta. E no canto da vida escuto a voz que vem de longe, aceito o chamado ancestral da contadora infantil, saboreio os poemas doces de Dulce e me arrisco na criação de pequenas histórias. Assim como elas, sigo na tessitura que nos move.

“Nunca nos faltou o amor da mãe-menina”.

À contadora de histórias Elvira,
com todo carinho da neta que não lhe conheceu.

ANA SILVIA PUPPIM
Mãe, educadora, jornalista, gestora de pessoas.
Amante da alegria e da leveza de ser!
@anasilviapuppim



UMA HISTÓRIA DE AMOR

Esta é uma história de amor! Percília da Silveira Torres amou a vida, amou o marido, amou os filhos, amou a arte e a cultura, amou os netos, amou os bisnetos, amou as plantas. E como toda história de amor está cheia de alegrias e tristezas.

A região de Mimoso do Sul, no sul do Espírito Santo, tem como principal atividade econômica o plantio de café. Em 1919 as condições de vida nesta região eram rurais, sem energia elétrica, sem sistema de esgoto e sem equipamento de saúde pública. A região era dividida em sítios onde seus moradores tinham uma rotina de trabalho duro, levantando-se muito cedo para cuidar da lavoura, tratar dos animais e criar os filhos.

Neste contexto e neste ano de 1919, em 14 de outubro nascia a primeira filha de Antonio Arruda e Custódia, que recebeu o nome de Percília, um nome incomum que vem do latim com origem espanhola e portuguesa.



Em um dos sítios vizinhos vivia a família de Lenora, mãe de José, que era chamado pelo apelido de Juca.

Certo dia Antonio Arruda e Custódia foram ser padrinhos de batizado de uma criança na região de São Pedro e precisavam deixar os filhos, ainda muito pequenos. Percília tinha por volta de 5 ou 6 anos. Juca que já era um rapazinho de 14 ou 15 anos foi chamado para cuidar das crianças no período em que o casal estivesse no batizado. E como nossa memória é algo interessante, mesmo já com mais de 90 anos Percília lembra-se deste dia com clareza: *“O Juca ao invés de cuidar da gente, ele nos prendeu na tulha e deixou lá, eu fiquei brava. E as outras crianças ficavam cantando pra mim ‘a Percília vai casar com o Juca’, aí eu ficava mais brava ainda”*.

Custódia e Antonio tiveram 5 filhos e aos 28 anos Custódia faleceu. Percília tinha 9 anos e a filha mais nova era um bebe de três meses que também veio a falecer pouco depois.

Ficaram o pai e as quatro crianças. Avós e vizinhos ajudavam e Percília, sendo a mais velha, teve que assumir uma responsabilidade maior do que deveria naquela idade, ajudando a cuidar dos irmãos mais novos.

Era o costume da região que viúvos deveriam ficar pelo menos um ano em luto. Então, depois de um ano Antonio casou-se com Ana com quem teve mais três filhos.

Percília cresceu analfabeta, raras eram as famílias que mandavam as filhas para estudar, a ideia era que educar meninas era um perigo, e que elas iriam escrever bilhetes para os rapazes.